

Nasce uma nova forma de ver

Desde o século VII, as nações constituídas a partir do surgimento do Islã começam a criar obras de arte e arquitetura de feição própria que influenciam todo o mundo. Essas construções se erguem em cidades que vão do Oriente Médio à Europa

POR **LYGIA ROCCO**

Não é possível falar sobre a arquitetura e a arte árabes sem nos referirmos ao Islã, pois as nações árabes, tal como as conhecemos, hoje são suas herdeiras. Foi por meio do Islã que a língua árabe, considerada sagrada por ter sido a língua da religião revelada por Deus a Muhammad, se desenvolveu e se tornou o elemento de união entre os povos que foram arabizados.

Um dos principais estudiosos da arte e arquitetura islâmica, Oleg Grabar, inicia seu livro *The formation of islamic art* comentando que qualquer pessoa com um módico conhecimento artístico e que folheasse um livro com ilustrações das principais obras de arte do mundo identificaria entre elas algumas que poderiam ser denominadas de mouriscas, islâmicas, sarracenas ou árabes.

O adjetivo islâmico na arte e arquitetura árabo-islâmica não se refere à expressão de uma religião particular, já que há obras feitas por e para não-muçulmanos; como exemplo, há a arte islâmica judaica e islâmica cristã, esta desenvolvida no Egito

depois do século VII, e também nos trabalhos da região do Crescente Fértil, no século XIII. Assim, "islâmico" se refere a uma cultura ou civilização em que a maioria da população professa a fé do Islã.

No início de sua expansão, as tribos árabes se confrontaram com os dois grandes impérios da época, o bizantino e o sassânida. Em menos de um século, os califas já dominavam uma área que se estendia da Espanha até as fronteiras da China, depauperando-se com culturas locais já estabelecidas, nas quais interferirão temporariamente e, em outros casos, permanentemente.

Quando começa a época das dinastias, inaugurada pelos omíyadas em 661, é construído o que foi considerado o primeiro monumento da arquitetura árabo-islâmica, a Cúpula do Rochedo em Jerusalém por volta de 691-692. É considerada uma obra inaugural, pois antes dela nenhuma outra foi produzida para simbolizar o advento da nova religião.

O monumento é visto como um relicário sobre um local sagrado, um modelo que foi bastante comum durante o mar-

tírio por todo o mundo cristão e é bem representado nas igrejas de Jerusalém. Possui uma planta octogonal central e suas fachadas estão direcionadas para os quatro pontos cardeais.

As paredes internas do edifício são revestidas com trabalhos em mosaico rico em inscrições de conteúdo quase exclusivamente religioso, das quais três são omíyadas, com exceção do nome do construtor e da data. Este modelo de forma octogonal não foi repetido nas construções religiosas do Islã, mas encontramos sua influência nas construções religiosas cristãs em períodos posteriores, como no caso do Batistério e da Igreja de San Miniato al Monte, em Florença, como demonstra um estudo feito pelo arquiteto Andrea Piccini.

Em 661, o centro do califado se trans-





Mesquita de Omar, conhecida também como Domo da Rocha, construída no século VII

AGBERLIN - IPRESS

ferre da Arábia para a antiga cidade de Damasco e é durante esta dinastia que surgirá o modelo de edifício árabo-islâmico mais antigo, o qual buscava solucionar as exigências que o ritual de culto da nova religião exigia. É a mesquita congregacional que se tornará um modelo seguido até a chegada dos otomanos e será um edifício emblemático por todas as cidades muçulmanas, árabes ou não. Uma das fontes de inspiração para a sua concepção foi a residência de Muhammad em Medina (*Madinat al-Nabi*). Sua tipologia é a de um edifício de planta quadrada ou retangular, do tipo hipostilo, uma espécie de compartimento com diversas colunas e pilares, sobre os quais se colocam as arcadas que suportam a cobertura.

Dessa maneira, o espaço se organiza

em naves perpendiculares ou paralelas em relação a *qibla*, que é o muro orientado para Meca. Neste mesmo padrão temos as mesquitas al-Aqsa em Jerusalém e a Grande Mesquita de Damasco. É ela que irá inspirar numerosas criações árabo-islâmicas nos séculos seguintes, como a mesquita 'Amr no Cairo, assim como as dos abássidas em Samarra, no Iraque.

Por toda a parte passam a ser construídas mesquitas e madrassas (escolas religiosas). Todas elas apresentam um modelo regular, com pátio central, arcadas, uma fonte para as abluções, um *mibrâb*, que é um nicho que indica a direção da prece e possui aspecto côncavo. Está situado no muro pelo qual passa o eixo da *qibla*, onde é instalado o *minbar* destinado ao imame para dirigir a oração, tendo a mesma fun-

ção do púlpito das igrejas cristãs.

As mesquitas possuem três estruturas auxiliares externas típicas: o minarete, que é o local de onde o *muezim* chama a comunidade para a oração e se tornará típico das cidades islâmicas árabes ou não; a fonte para as abluções, pois o devoto deve estar em um estado de pureza ritual para rezar; e a cúpula, que é um símbolo cósmico em qualquer tradição religiosa e se tornou um elemento cada vez mais utilizado na arquitetura islâmica a partir da época seldjúcida.

Outro elemento marcante são os arcos, no princípio de meio ponto, como os de Roma e Bizâncio, depois em forma de ponta, de ferradura, tornando-se muito comuns na Espanha e na África árabe, ou entrelaçados com formas lobuladas, reali-

Para o arquiteto de uma mesquita, os fiéis desfrutariam, na primeira fila, de maior proximidade com a fonte da benção: o muro mais próximo de Meca



Vista aérea da Grande Mesquita de Damasco, na Síria

zados com pedras de duas cores como os encontrados na mesquita de Córdoba.

Tais virtuosismos na elaboração das formas hemisféricas e no tratamento da transição espacial do quadrado para o círculo assinalam os primeiros passos do que fomentará a linguagem arquitetônica medieval da Pérsia, da Síria e do Egito e de todas as regiões sujeitas à influência árabo-islâmica, de Granada à Índia.

A dinastia omíada durou aproximadamente um século. O último califa omíada, Marwan II, em 750 foi derrotado e fugiu para o Egito, sendo assassinado com outros membros da família. Apenas um escapou, 'Abd al-Rahmán, que fugiu para a Península Ibérica, nesta época conhecida como al-Andalus, e onde mais tarde fundaria o califado da Espanha, em Córdoba. Em 785 o califa 'Abd al-Rahmán começou a construir a Grande Mesquita. Sua forma segue a da Grande Mesquita de Damasco, um átrio alongado, antecedido por um pátio mais largo do que comprido, com 554 colunas e 44 pilares interiores.

Na Península Arábica, os abássidas chegam ao poder e mudam a capital de Damasco para a recém-construída Bagdá, Cidade da Paz, que era formada por uma muralha circular em todo o seu períme-

tro, com quatro portas axiais que levavam o nome das províncias para as quais elas se direcionavam. Nada se conservou desta antiga Bagdá, mas as fontes literárias da época são muito precisas.

Desde o início vários movimentos e influências religiosas convergiram para o Egito. Tal fato se manifestou em suas obras arquitetônicas. A primeira mesquita egípcia, de 'Amr Ibn al-'Ás, foi construída em Fustât, cidade fundada no início da expansão árabo-islâmica em 641, nas proximidades da cidade do Cairo, que atingiu as dimensões atuais em 827.

Quando o sultão Ahmad Ibn Tulún tomou o poder, dando início ao período tulúnida no Egito, construiu grandes mesquitas em tijolo, seguindo a tradição da Mesopotâmia que o acompanhava desde Samarra, sua cidade natal. Para o arquiteto de uma mesquita, estava em jogo um princípio religioso fundamental, a prioridade da primeira fila, na qual os fiéis desfrutariam de maior proximidade com a fonte da benção: o muro mais próximo de Meca. Esta é uma razão para ampliar lateralmente a primeira fila e colocar o maior número de fiéis no seu eixo transversal.

No século X sobe ao poder os fatímidas, os quais seguiam a facção xiita no Is-

lamismo, aquela que apoiava os sucessores da família do profeta e considerava que 'Ali, o primo e genro do profeta, marido de Fátima, seria o representante legal da Tradição. Este califado começou por se instalar em Cairoão, a capital de Ifríqiya, atual Tunísia, instalando-se no Egito por volta de 969 e em Damasco um ano depois. Os fatímidas introduziram alterações profundas no Egito fundando al-Qáhira, cidade do Cairo, que em árabe significa "a Vitoriosa".

Os palácios ocupavam a parte central da cidade, enquanto os bairros residenciais dos mais nobres se encontravam no resto do local. Durante o califado dos fatímidas no Egito foi construída, em 969, a mesquita de al-Azhar no centro do Cairo e, em 988, uma *madrassa* foi acrescentada a ela. Esta mesquita tornou-se a grande universidade do Islamismo sunita e é considerada uma das mais antigas universidades do mundo.

Os centros da fé do primeiro Islã são as cidades, pois é dentro do contexto urbano em que se impõem as prescrições de Muhammad. Nelas, edifícios representam o poder e a riqueza assim como os caravancas que se situavam em distâncias fixas para dar apoio para as caravanas.

A arquitetura do poder se distingue pelos seus palácios, pelas alcáçovas (*al-qasabat*), a zona mais alta e protegida num castelo fortificado, algumas hoje utilizadas como mercados. Seus espaços arquitetônicos provêm de um amplo repertório de formas e funções.

Nas primeiras décadas surgiu um edifício urbano denominado *dár al-imára*. E seu equivalente contemporâneo mais próximo seria um centro governamental que acolhe departamentos econômicos, judiciais, a administração geral e as habitações privadas de um governador. Possui um aspecto indiferenciado, constituindo o símbolo mais visível da burocracia estatal. As bases econômicas para a arquitetura urbana eram asseguradas pelas "doações de *waqf*", uma lei que faz com que o uso do objeto de doação nunca seja

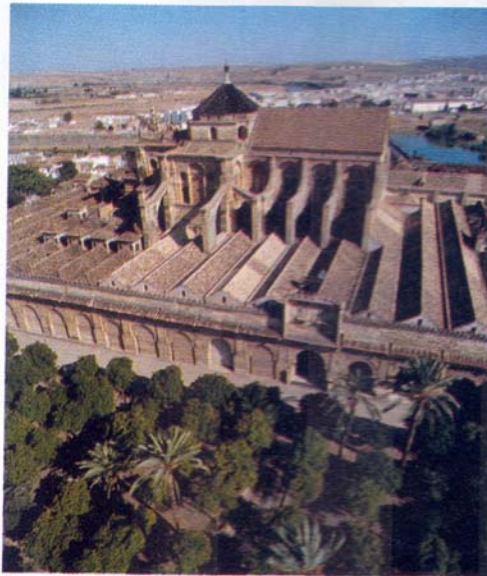
modificado: será sempre uma obra filantrópica destinada ao uso da comunidade.

Uma característica particular da arquitetura do poder e da riqueza árabo-islâmico era o fato de que sua ordem ou sentido não se mostravam nas composições formais, na relação entre os monumentos ou com a vida contemporânea. Sua identificação residia nas associações humanas e maneiras nas quais as cerimônias oficiais e o modo de vida cotidiano determinavam o uso dos espaços que não eram especificados como formas de poder. Esta relação não habitual entre formas e usuários facilitou a penetração da arquitetura na literatura de ficção, o que não sucedeu com mesquitas e santuários.

Os mercados, conhecidos por *suqs*, e os caravansais surgiram para abrigar e oferecer provisões e água para viajantes, mercadores e peregrinos. As ruas recebem a luz que passa pelas concavidades nos centros das tramas, criando um espaço fresco e bem ventilado. O bazar ou mercado é a espinha dorsal do tecido urbano que une entre si: mesquitas, *hammáms*, que são os banhos, e as escolas.

Podemos considerar o bazar uma cidade em miniatura composta por dezenas de vias. Cada loja ocupa um compartimento e toda a superfície mural é aproveitada para expor mercadorias. Outra característica dos monumentos arquitetônicos árabo-islâmicos é o interesse prioritário em espaços fechados. A casa muçulmana é organizada ao redor de um pátio interno e se apresenta ao mundo com muros altos e uma pequena e única porta.

Diversos tipos de materiais foram usados para decorar edifícios. Entre eles a madeira era essencial, ainda que a estrutura fosse de qualquer outro material. Na talha dos relevos, na marchetaria, nas gelosias (também conhecidas como rótulas semelhantes aos muxarabis do Cairo, um tipo de balcão fechado por treliças de madeira). A criação deste elemento se deve em parte à necessidade de possibilitar



Grande Mesquita de Córdoba

a passagem das correntes de ar e para criar ambientes onde do exterior não se pudesse ver o interior.

Com exceção da cúpula e dos pórticos, toda a decoração se reserva ao embelezamento do interior e podia ser em mosaicos, pintura mural, tijolos em forma de malha entrelaçada, com azulejos decorados ou de pedra ou gesso, moldurados e talhados recobrimo os edifícios como se fosse um manto. O corte dos tijolos era um ofício especializado e eram executados em formas geométricas. Uma de suas faces era polida e colocada para baixo: eram arranjados para formar diversas composições que depois distribuíam em forma de painel, unindo-os com gesso e fixando-os na superfície do edifício. Os artistas não faziam distinção entre os diferentes materiais e os mesmos motivos podiam ser em pedra, estuque, madeira ou azulejo.

Enquanto um mestre da arquitetura gótica deixava à vista o esqueleto estrutural do edifício, o construtor árabe preferia ocultá-lo atrás de superfícies contínuas de revestimentos com desenhos abstratos. Este interesse no revestimento mural fez com que desenvolvessem um rico repertório de desenhos, de formas abstratas, uma grande variedade de estilos caligráficos e

uma tendência pela repetição de unidades como os arcos, colunas, corredores, portas e cúpulas. A geometria foi uma arte de primeira ordem. As figuras eram criadas a partir do círculo. Eram aplicados os princípios de repetição, simetria e mudança de escala.

A caligrafia também fez parte da decoração de quase todo o edifício, adornando fachadas e interiores. Foi utilizada em todas as épocas. Num primeiro momento, não houve proibições explícitas com relação ao uso de imagens. Isto ocorrerá poucos séculos depois, mas desde o início o uso de figuras foi evitado em edifícios religiosos.

Nos motivos inspirados na flora, eles partem originariamente de um caule que se estende regularmente, produzindo uma série de linhas secundárias equilibradas que podem regressar para reintegrar-se à linha central. Este motivo se converte, graças a seu entrelaçamento, em uma forma geral capaz de se desenvolver em qualquer direção. A sua evolução, até a desnaturalização da forma, desembocou no que conhecemos por "arabesco". Há uma íntima conexão entre espaço e decoração, pois o revestimento da superfície, a multiplicação de um desenho ou de um mesmo elemento arquitetônico evita a definição clara da escala da superfície. Como acontece nas repetições intermináveis de arcos e colunas, as quais criam uma sensação de espaço contínuo, como se fossem uma metáfora da eternidade.

Vale lembrar que as grandes obras da arquitetura árabe não teriam sido possíveis se não tivesse sido cultivada disciplinadamente a arte do traçado durante um longo período junto com o ensinamento das geometrias, das matemáticas, da mecânica aplicada e do desenho. A arquitetura árabe islâmica criou um repertório de novos espaços e um sistema ornamental sofisticado que influenciou a renovação das formas estéticas das quais tanto o Oriente como o Ocidente são herdeiros.